

Rosana Kohl Bines. *Infância, palavra de risco*. Rio de Janeiro: Numa Editora, 2022. 276 p.

As palavras estão sempre em risco, é preciso resgatá-las, repensá-las, impedir a sua apropriação indevida: “Cada presente tem a chance de inventar um futuro, se estiver atento e receptivo às imagens e palavras que, do passado, reclamam consideração” (p.149).

Escrever sobre a infância é, portanto, necessariamente, escrever sobre a palavra infância, o que, automaticamente, nos coloca diante de seu plural, de uma pluralidade que precisa estar sempre no debate. A subtração da complexidade da palavra “infância” é demasiado arriscada, aproxima-a do raciocínio a-histórico, do perigo progressista. Assim, estar em risco remete, por um lado, a um alerta, a um quase pessimismo, por outro, a um sentido de luta, a uma quase esperança.

É nesse lugar, no centro de um cabo de guerra, que se encontra a professora e pesquisadora Rosana Kohl Bines, nos 13 ensaios de *Infância, palavra de risco* que, escritos entre 2007 e 2021, buscam discutir e aprofundar as relações entre infância, linguagem e experiência a partir de diversas manifestações culturais, com destaque para a literatura.

Sem impor um corpo teórico às obras analisadas, sob o “risco de sobrecarregar teoricamente o significante “infância”, transformando-o em uma categoria conceitual abstrata e reiterativa de impasses filosóficos e aporias do pensamento limiar” (p.115), Bines busca ouvir as diversas obras analisadas, apresentando e examinando a infância enquanto posição a partir da qual se podem desafiar as normas convencionais de narrativa, ressaltando a necessidade da escuta ativa.

Este movimento destaca-se em seu ensaio de abertura, “Um corpo que cai”, em que a autora explora a singularidade da narração infantil do protagonista de *Extremamente Alto & Incrivelmente Perto*, de Jonathan Safran Foer, verificando como

traumas pessoais moldam estratégias criativas na literatura. A partir de reflexões alicerçadas na obra de Walter Benjamin e Jacques Rancière, Bines enfatiza a capacidade das crianças de tornar visíveis os aspectos ocultos, proibidos, da experiência e evidencia conceitos fundamentais que permearão seus ensaios subsequentes:

A reflexão esboçada até aqui pretende, de forma preliminar, colocar a infância na roda de discussão dos estudos literários, ao pensá-la como *Denkenbild* ou “imagem do pensamento”, no sentido benjaminiano. Nesta direção, pensar a infância como figura literária significa percorrer os modos como a ficção materializa um saber e insufla o pensamento. Não se trata, pois, de estudar as representações da criança na literatura, mas de perceber a infância como método fabulador-especulativo, como procedimento da ordem do discurso, figura ou tropo desencadeador de uma prática inventiva e reflexiva em linguagem” (p.28-29).

Neste movimento, emergem temas comuns referentes à voz e linguagem, não apenas como instrumentos narrativos, mas também como mecanismos de enfrentamento e resistência, como é o caso dos diversos narradores de eventos traumáticos, violentos e o difícil trabalho de seus autores para representar o ato de processamento histórico destas infâncias em um momento em que a inexperiência da linguagem opera a níveis altamente criativos. Se em "Anne Frank, uma conversa infinita", a autora investiga como a infância, o trauma e a urgência se cruzam na narrativa do diário, demonstrando como o ato de narrar de uma criança é capaz de capturar a iminência de eventos catastróficos, em “Xadrez contra a ditadura” a questão central é como forjar uma linguagem que possa contar adequadamente histórias de violência extrema sem ameaçar a potência vital que reside nas crianças. Se, por um lado, a autora procura destacar as potencialidades da literatura, logo em seguida, evoca novos questionamentos:

Ao multiplicar tramas narrativas e transladar em linguagem experiências de ameaça e supressão da vida, a literatura pode criar, potencialmente, superfícies sensíveis de inscrição nos múltiplos apagamentos perpetrados no curso da História. Mas como forjar vozes narrativas para contar experiências de extinção da voz? Como inscrever o silêncio dos mortos na trama da linguagem? (p.246)

Em “Escrever no galope da infância”, Bines analisa este constante recomeçar da linguagem enquanto uma perpetuação da infância a partir da narrativa de Noemi Jaffe em *No que os Cegos Estão Sonhando*, quando a escrita adulta restitui a infância, dando às palavras o poder de "originar" realidades. Em diálogo com Jean-François

Lyotard, Bines conclui: “Na relação com o idioma estamos sempre como a infância, recomeçando a falar, seja pelas experiências desumanizadoras, seja porque há em todo enunciado algo que ainda não começou a dizer” (p.139)

Cada um dos ensaios ilustra, a seu modo, um mosaico de experiências infantis ligadas pelas diversas linguagens como meios para lidar com traumas, opressão, maturidade, colando à palavra “infância” índices de criatividade, transformação e, sobretudo, resistência.

Alexandre Kuciak

Doutor em Letras